

# A menina e o cooperante

N. 17/12/88

Era uma vez uma menina muito bonita, que vivia em Maputo, ali para os lados da Malhangalene. E era uma vez um cooperante, vindo de um distante país europeu, que morava numa flat numa das avenidas da Polana.

A menina tinha vinte anos. Nascera numa província nortenha mas, órfã de pai e mãe, viera para Maputo, viver com uma irmã casada. Trabalhava como escriturária numa empresa. O cooperante era um homem no início da casa dos quarenta. Técnico de qualificação média, enfrentava o desemprego no seu país e, para fugir a ele, voltariara-se para um projecto em Moçambique. Deixara na Pátria mulher e dois filhos, pois o seu contrato não incluía a vinda da família.

A menina era realmente muito bonita. Entre os seus antepassados mais ou menos longínquos, contavam-se celtas da Península Ibérica, chineses do distante Oriente e zulos da vizinha África do Sul. Dos antepassados celtas herdara uns olhos verdes e cheios de mistério. A ancestralidade chinesa dera a esses mesmos olhos a configuração oblíqua que os tornava ainda mais atraentes; e era responsável, também, pela ligeira proeminência das maçãs do rosto. Dos avós zulos recebera o porte orgulhoso, quase arrogante, de um povo guerreiro e conquistador; e ainda as pronunciadas curvas femininas que faziam os homens, na rua, voltarem-se à sua passagem. Da mistura das três heranças resultara um tom de pele dourado, único, que só a miscigenação de várias raças, ao longo de gerações, pode produzir. O cabelo, negro e liso, usava-o muito comprido, escorrendo-lhe em fartas ondas pelas costas quase até à cintura. O cooperante, esse, era um homem de estatura mediana e rosto vulgar; tinha já alguns cabelos brancos e um pouco de excesso de peso.

A menina e o cooperante cruzavam-se todos os dias ao fim da tarde, na baixa, à saída do serviço, ela a pé e ele de carro. A menina olhava para o cooperante e o cooperante olhava para a menina. A menina baixava, pudicamente, os olhos. O cooperante acelerava e seguia em frente.

A menina tinha um namorado. Era um moço alto e bonito, bem falante, que nascera em Maputo mas estivera alguns anos a trabalhar no Norte e regressara há pouco à capital. Costumava esperá-la numa esquina próxima, à saída do serviço, e acompanhava-a a casa. Pelo longo caminho, lentamente percorrido, falava-lhe da sua vida, dos seus projectos, de um futuro luminoso para os dois. A menina ouvia em silêncio, caminhando sempre, os olhos apontados para a frente mas perdidos já nesse futuro onde iam surgindo, sucessivamente: o casamento, um apartamentozinho bem mobiliado, um primeiro filho, talvez um carrinho pequeno, comprado em segunda mão...

O namorado da menina vivia num quarto alugado, enquanto procurava uma flat. Era um quarto independente, com entrada directa pelo quintal da casa. Uma tarde, ele convidou a menina acompanhá-lo ao quarto. Ela foi. Foi mais vezes. E um dia, uns meses depois, percebeu que estava grávida.

Quando teve a certeza, a menina virou-se para o namorado e disse-lhe: «Estou grávida». E ele olhou-a com os olhos muito abertos, assustados; depois desviou a vista. E depois, a pouco e pouco, foi-lhe contando a verdade: que já era casado, que tinha deixado, lá no Norte, mulher e um filho pequeno, os quais esperavam apenas que ele arranjasse casa para se lhe juntarem. E o mundo da menina ruiu à volta dela. De repente já não havia futuro, não havia nada. E aquela luz tão bonita, que costumava brilhar nos olhos verdes da menina bonita, apagou-se de súbito.

Depois, foi o aborto clandestino, no quarto sórdido de uma parteira de ocasião. Houve as complicações que há quase sempre nestes casos. A menina ficou uns dias de cama, doente do corpo mas principalmente da vergonha, da humilhação sofrida, das ilusões perdidas. Definhou. A irmã, alarmada, chegou a pensar que ela ia morrer. Mas a natureza, a juventude, triunfaram sobre as forças sombrias do desespero e da morte. A menina, pouco a pouco, recompôs-se. E uma manhã, sentindo-se já suficientemente forte, levantou-se para ir para o emprego: mais magra, com olheiras profundas, mas ainda bonita.

Na tarde desse dia, ao sair do serviço, voltou a cruzar-se com o cooperante. E dessa vez não baixou os olhos: olhou-o a direito, com um olhar duro onde relampejavam, verdes, as cicatrizes do desencanto e do amor traído. E, dessa vez, foi o cooperante quem baixou o olhar. E cada um seguiu o seu caminho, ela a pé, ele de carro. E cada um ia mergulhado nos próprios pensamentos. A menina pensava em amigas, colegas, menos bonitas do que ela e também com menos escrúpulos (ou com as ilusões perdidas há mais tempo), que andavam vestidas e calçadas da Franca e iam de carro para casa e à noite iam jantar ao Zambi e dançar no Mini-Golfe; e lembrou-se em particular de uma que uma vez lhe dissera, ao vê-la vestida com modéstia de fabrico nacional: «Não sejas parva, arranja mas é um italiano! Com essa tua carinha e esse teu corpo...» O cooperante, ao volante do seu carro, debatia-se com as próprias dúvidas e apreensões. Vários colegas, em situação análoga à dele, haviam arranjado amantes moçambicanas — ou «namoradas», como preferiam chamá-lhes. Ele, porém, era um homem tímido e com certos princípios religiosos. Mas por outro lado, as últimas, espaçadas cartas da mulher haviam-lhe parecido tão frias, tão distantes... E o corpo, ainda relativamente jovem, tinha as suas exigências...

No dia seguinte, ao fim da tarde, quando de novo se cruzaram, o cooperante parou o carro. E a menina bonita, depois de um momento de hesitação, entrou e sentou-se, muito directa, ao seu lado, o olhar fixo em frente.

E assim termina, pela parte que me toca, a história da menina bonita e do cooperante já entradote. A partir deste ponto, podemos imaginar a sua continuação como mais um episódio desinteressante e sórdido deste nosso viver maputense; ou podemos imaginá-la, até, como uma bela história de amor. Cada um que a termine como mais lhe agradar.